

## **ESTUDO DA CADEIA PRODUTIVA DO LEITE EM SANTA CATARINA NO PERÍODO 1985 – 2000**

Vilmar Nogueira Duarte<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo teve como objetivo estudar a cadeia produtiva do leite em Santa Catarina e mostrar as mudanças ocorridas ao longo da cadeia, no período de 1985 a 2000, diante das profundas alterações observadas na economia brasileira, caracterizadas pela abertura comercial e consolidação do Mercosul, pela desregulamentação do mercado e pela estabilização econômica pós-Plano Real. O estudo mostra que esse novo ambiente provocou um intenso processo de reestruturação no setor, o que resultou num maior nível de especialização no segmento de produção primária, com melhoria considerável da qualidade do leite entregue às indústrias e aumento do volume comercializado sob inspeção; grande concentração no setor de captação e processamento, com as principais indústrias do setor buscando se equiparar às principais do País em termos de tecnologia; além de mudanças significativas no segmento de distribuição de produtos lácteos, propiciadas pelo avanço tecnológico no setor de embalagens, principalmente no que se refere aos esterilizados. O trabalho conclui que apesar das mudanças observadas no ambiente competitivo, a cadeia produtiva do leite reagiu positivamente às turbulências ocorridas no período estudado, com a produção aumentando regularmente a cada ano e com a Região Oeste, cada vez mais, assumindo a posição de maior produtora do Estado.

**Palavras-chave:** Leite, Cadeia Produtiva, Santa Catarina

## 1 INTRODUÇÃO

A cadeia produtiva do leite no Brasil, desde o início dos anos 1990, está em plena revolução num contexto de grandes transformações no seu *agribusiness*. Circunstâncias, fatos e mudanças, como a crise dos tradicionais mecanismos de política agrícola, a desregulamentação dos mercados, a abertura econômica ao exterior e a formação de blocos econômicos vêm definindo novas relações entre seus segmentos, exigindo outras posturas dos setores públicos e privados.

As transformações em nosso meio vêm ocorrendo com acelerada velocidade e são comparáveis às observadas nos Estados Unidos em anos anteriores. A estabilização da moeda brasileira e, mais especificamente no agronegócio do leite, a desregulamentação econômica do setor e o intenso ritmo das inovações tecnológicas provocou uma revolução organizacional histórica. Os impactos causados pela conjunção desses fatores resultaram num intenso processo de reestruturação em direção à concentração, seleção e especialização em todos os segmentos da cadeia produtiva.

No caso específico de Santa Catarina, onde o leite participa isoladamente com 6,98% do valor bruto da produção agropecuária (Instituto CEPA, 2006), a atividade tem sido uma importante fonte de emprego e renda para os habitantes do meio rural. No entanto, há alguns anos já vêm sendo evidenciadas no Estado as tendências da economia mundial, tendo em vista o intenso processo de reestruturação que se instalou em praticamente todos os sistemas de produção, principalmente no agroindustrial.

A rápida transformação pela qual passou o setor no período estudado levou a cadeia leiteira catarinense a enfrentar sérios problemas estruturais. A presença das multinacionais do leite no mercado brasileiro, bem como o grande volume de produtos importados, intensificou o processo de reestruturação em todos os segmentos da cadeia produtiva, colocando em risco a sobrevivência de grande número de pequenas e médias indústrias no Estado e, ainda, contribuindo para a exclusão de parcela significativa de pequenos produtores da produção comercial.

As novas estratégias adotadas pelas grandes empresas, principalmente pelas multinacionais, além de impor severas restrições ao setor de produção primária,

estabeleceram novas formas de se relacionar com o mercado. O que, de certa forma, deu uma nova dinâmica ao sistema leiteiro, conduzindo a alterações significativas nos métodos tradicionais de produção e de distribuição do produto.

Assim sendo, o presente trabalho busca a identificação das principais mudanças ocorridas nos segmentos de produção primária, industrialização e distribuição de leite em Santa Catarina, mostrando a maneira que estes setores reagiram diante de um quadro de grandes transformações.

O artigo está dividido em cinco seções: introdutória, mostrando um contexto geral do agronegócio leiteiro no Brasil e no Estado, bem como os principais problemas inerentes ao setor e o objetivo do trabalho; a segunda seção mostra um esboço teórico na qual se apresenta todo um quadro evolutivo do conceito de cadeia de produção agroindustrial; na terceira são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa; a quarta seção é reservada à análise de todas as informações coletadas a respeito da cadeia do leite em Santa Catarina; e, por fim, são apresentadas as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a década de 1960, desenvolveu-se no âmbito da escola industrial francesa a noção de análise de *filière*. Embora o conceito de *filière* não tenha sido desenvolvido especificamente para estudar a problemática agroindustrial, foi entre os economistas agrícolas e pesquisadores ligados aos setores rural e agroindustrial, que ele encontrou seus principais defensores. Traduzida para o português, a palavra *filière* dá origem à expressão cadeia de produção e, no caso do setor agroindustrial, cadeia de produção agroindustrial ou simplesmente cadeia agroindustrial.

No setor agroalimentar, Davis e Goldberg citado por Carvalho (1995) são reconhecidos como sendo os precursores da análise da cadeia de produção ao publicar, em 1957, um livro em que se discute o conceito de *agribusiness*, cujos elementos viriam a caracterizar uma cadeia produtiva. Porém, Goldberg, em 1958, ao criar o conceito de

Sistemas de *Commodities*, formaliza a idéia contida nas modernas definições de cadeia de produção. Segundo o autor:

Esta visão engloba todos os participantes implicados na produção, na transformação e na comercialização de um produto agrícola. Ela inclui os fornecedores da agricultura, os agricultores, os empresários de estocagem, os atacadistas e os varejistas, permitindo ao produto bruto, passar da produção ao consumo. Ela abrange, enfim, todas as instituições governamentais, os mercados e as associações de comércio que afetam e coordenam os níveis sucessivos sobre os quais transitam os produtos (MONTIGAULT apud CARVALHO, 1995).

Seguindo a mesma linha, Morvan citado por Batalha (1997) enumerou três séries de elementos que estariam implicitamente ligados a uma noção de cadeia de produção. Essa noção comporta: a) uma sucessão de operações de transformação dissociáveis capazes de ser separadas e ligadas entre si por um encadeamento técnico; b) um conjunto de relações comerciais e financeiras estabelecidas entre os estágios de transformação; e c) um conjunto de ações econômicas que permitem a valorização dos meios de produção e garantem a articulação das operações.

Já para Farina e Zylbersztajn (1991), a noção de cadeia pode ser entendida como sendo um recorte dentro do complexo agroindustrial, onde são estabelecidas as relações entre agropecuária, indústria de transformação e distribuição em torno de um produto. Cabe ressaltar que uma cadeia de produção agroindustrial é definida a partir da identificação de um determinado produto final. Após essa identificação, cabe, para efeito de análise, ir encadeando da jusante à montante, as várias operações técnicas, comerciais e logísticas necessárias à sua produção. Nesse caso, pode-se englobar também as empresas que contribuem de forma indireta, como é o caso dos fornecedores de insumos e de equipamentos, dos agentes financeiros e de transporte. Por exemplo, a cadeia de produção do leite pasteurizado envolve os produtores rurais de leite, as indústrias de laticínios e as empresas de distribuição que fornecem o produto ao consumidor final.

Além desses, deve-se considerar a presença das organizações que participam no fornecimento dos equipamentos e de insumos para todos os segmentos da cadeia (leite pasteurizado), nas quais se incluem os fornecedores de ordenhadeira para os produtores rurais, de energia, de filme de polipropileno para envasar o leite pasteurizado nas

indústrias etc.. A presença de bancos e de transportadoras também é de vital importância nesse processo. Em síntese, uma cadeia de produção agroindustrial é um conjunto seqüencial de etapas tecnológicas de produção distintas ligadas a um dado recurso natural (leite), ou de um produto final, como, por exemplo, o açúcar.

De acordo com Batalha (1997), uma cadeia de produção agroindustrial pode ser segmentada da jusante à montante em três macrosegmentos: comercialização, industrialização e produção de matérias-primas. Em muitos casos, os limites dessa divisão não são facilmente identificáveis, podendo variar muito segundo o tipo de produto e segundo o objetivo da análise, frisa o autor.

Quanto à abrangência de cada macrosegmento, cabe ressaltar que a comercialização abrange as empresas que estão em contato com o cliente final da cadeia produtiva (supermercados, mercearias, restaurantes, cantinas etc.), podendo incluir neste macrosegmento as empresas responsáveis somente pela logística de distribuição. Já a industrialização abrange as empresas responsáveis pela transformação das matérias-primas em produtos finais destinados ao consumidor. Por fim, a produção de matérias-primas reúne as firmas que fornecem as matérias-primas iniciais para que outras empresas avancem no processo de produção do produto final, como é o caso daquelas ligadas diretamente à agricultura, pecuária e outros.

A lógica de encadeamento das operações, como forma de definir a estrutura de uma cadeia de produção, deve situar-se sempre da jusante à montante. Essa lógica assume implicitamente que as condicionantes impostas pelo consumidor final são as principais indutoras de mudanças no *status quo* do sistema. Evidentemente, esta é uma visão simplificadora e de caráter geral, visto que as unidades produtivas do sistema também são responsáveis, por exemplo, pela introdução de inovações tecnológicas que, eventualmente, condicionam a mudanças consideráveis na dinâmica de funcionamento das cadeias agroindustriais. No entanto, para Batalha (1997), essas mudanças somente são sustentáveis quando reconhecidas pelo consumidor como portadoras de alguma diferenciação em relação à situação de equilíbrio anterior.

Em geral, não é difícil decompor um processo industrial de fabricação segundo algumas etapas principais de produção. Assim, pode ser razoável considerar que, após passar por várias operações de fabricação, um produto possa alcançar um estado

intermediário de produção. Vale lembrar que o termo intermediário, aqui mencionado, pode ser entendido como sendo o produto final de uma cadeia de produção. Por exemplo: a produção de óleo refinado de soja pode ser considerada um estado intermediário de produção na fabricação de produtos finais como margarina e maionese, por outro lado pode ser um produto final quando usado para o consumo das famílias. O que é importante, nesse caso, é que o produto desse estado intermediário de produção deve ter estabilidade física suficiente para ser comercializado, além de possuir valor real ou potencial de mercado (BATALHA, 1997).

Cabe ressaltar ainda que, dentro de uma cadeia de produção agroindustrial típica, podem ser visualizados no mínimo quatro mercados com diferentes características: mercado entre os produtores de insumos e os produtores rurais, mercado entre os produtores rurais e agroindústria, mercado entre agroindústria e distribuidores e, finalmente, mercado entre distribuidores e consumidores finais. O estudo das características desses mercados apresenta-se como sendo de suma importância para melhor compreensão da dinâmica de funcionamento de uma cadeia de produção agroindustrial.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O quadro teórico foi construído com base na literatura voltada aos estudos do agronegócio e atividade leiteira. Por se tratar de um trabalho essencialmente descritivo, as considerações relativas ao segmento de produção primária de leite foram feitas através de uma descrição sistemática das principais características estruturais da pecuária leiteira do Estado. As informações de ordem quantitativa foram obtidas através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e do Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina Icepta/SC. As de ordem técnica foram obtidas em entrevistas realizadas com o médico veterinário da Indústria de Laticínios Tirol Ltda e com um produtor de leite da região de Videira/SC, que é médico veterinário. Também foram ouvidos vários técnicos da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI da

cidade de Lages//SC e da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina - CIDASC da cidade de Videira/SC.

Com relação ao setor de processamento de leite, buscou-se mostrar as principais transformações ocorridas no complexo lacto estadual, dando ênfase à caracterização da atual estrutura produtiva diante do intenso processo de reestruturação verificado no período. As informações de ordem quantitativas referentes ao setor industrial, como volumes de leite recebidos, preços pagos aos produtores entre outras, foram obtidas através do IBGE. As demais, aquelas relacionadas diretamente aos aspectos qualitativos, foram coletadas através de entrevistas realizadas com os gerentes da Lactoplasa S/A, da cidade de Lages/SC, e da Batávia S/A, da cidade de Concórdia/SC. Estas visitas em horários de expediente permitiram a identificação das principais atividades realizadas no setor de processamento de leite, bem como ter a noção de todo o processo de produção industrial.

Quanto ao segmento de varejo e mercado consumidor, o trabalho caracteriza a estrutura do setor varejista e também evidencia a maneira como se estabeleciam as relações entre o varejo e seus fornecedores e vice-versa. As informações foram obtidas em entrevistas com pessoas ligadas ao setor de compras de pequenos e médios supermercados localizados nas cidades de Videira/SC, Lages/SC e Concórdia/SC, que fizeram importantes relatos sobre o sistema de transporte de produtos lácteos da indústria para as empresas varejistas, e das principais tendências em relação ao comportamento do consumidor.

Em relação aos aspectos conjunturais e específicos de cada segmento da cadeia do leite em Santa Catarina, grande parte das informações foram obtidas através de contatos com funcionários do Instituto CEPA/SC e pesquisas realizadas na biblioteca da mesma instituição. Fontes como anuários e bibliografias recém-lançadas também foram consultadas. O secretário executivo da Cooperativa Central de Laticínios Agromilk Ltda de Santa Catarina também manifestou sua opinião a respeito de questões inerentes ao relacionamento entre produtor e indústria, além de colaborar com o fornecimento de um volume significativo de informações.

## **4 DESCRIÇÃO E ESTUDO DOS PRINCIPAIS SEGMENTOS DA CADEIA DO LEITE EM SANTA CATARINA**

O estudo da cadeia leiteira catarinense foi realizado com base na análise dos segmentos de produção primária, industrialização, distribuição e consumo de produtos lácteos. A produção primária é descrita com base nas características estruturais das unidades de produção, na estratificação dos produtores de leite, na diferenciação entre produtores especializados e não-especializados, na produção de leite e produtividade do rebanho, nas características tecnológicas da produção de leite, e na relação entre produtor e indústria. O segmento industrial discorre sobre as características estruturais da indústria processadora, o processamento de leite, o volume de leite recebido pelas indústrias no período 1996-2000, a tecnologia e embalagens utilizadas, o desenvolvimento de novos produtos, e a relação entre indústria e produtor. O segmento de distribuição dá ênfase à distribuição de produtos lácteos e ao mercado varejista. O mercado consumidor, por sua vez, discorre sobre a importância do consumidor como agente indutor de transformações na cadeia produtiva e apresenta dados relativos ao consumo de leite em Santa Catarina.

### **4.1 Segmento de produção primária**

#### *Características estruturais das unidades de produção*

A pecuária leiteira catarinense é caracterizada por um grande número de pequenos produtores pulverizados em todo o território estadual, que fazem uso dos mais variados sistemas de produção, com diferentes níveis tecnológicos, existindo desde produtores que comercializam basicamente para a subsistência, até aqueles extremamente especializados<sup>2</sup>. O rebanho bovino girava em torno de 3,1 milhões de cabeças, em 1996, dos quais 41% eram animais que tinham como finalidade a produção leiteira e outros 7% com dupla finalidade, ou seja, corte e leite (TABELA 1).



**Tabela 1** – Efetivo de bovinos em Santa Catarina, segundo a finalidade da criação – 31 de julho de 1996.

| Finalidade da criação | Informantes | (%) | Rebanho   | (%) |
|-----------------------|-------------|-----|-----------|-----|
| Corte                 | 54.034      | 30  | 1.588.318 | 51  |
| Leite                 | 99.939      | 56  | 1.265.465 | 41  |
| Corte e leite         | 16.413      | 9   | 219.899   | 7   |
| Trabalho              | 8.933       | 5   | 23.669    | 1   |
| Total                 | 179.319     | 100 | 3.097.351 | 100 |

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário – Santa Catarina – 1995-1996.

De acordo com os dados da tabela nº 4, 165.808 produtores formavam a pecuária leiteira catarinense em 1985. Em 1996, esse número caiu para 145.668, o que representa uma redução da ordem de 12%. Reduções semelhantes ocorreram em praticamente todos os estratos de área total, variando entre 11,8% para os estratos com área inferior a 50 ha, e 15,7% para estratos cujas áreas estavam entre 50 e 100 hectares. Em termos absolutos, essa queda foi mais significativa nos estratos com área inferior a 50 ha, uma vez que eram essas propriedades que abrigavam a grande maioria dos produtores de leite do Estado.

Outra questão estrutural importante observada na atividade é que cerca de 68% do leite vendido em 1996 foi proveniente de unidades produtivas com área entre 10 e 50 ha, destacando-se também, neste particular, as propriedades com até 10 vacas ordenhadas, as quais foram responsáveis, neste mesmo período, por mais de 71% de todo o volume comercializado internamente (TABELAS 2 e 3).

A Região Oeste é a maior produtora estadual de leite, respondeu por cerca de 56% da produção Catarinense em 1996. Além disso, contava com a segunda maior produtividade do Estado, 1.870 litros/vaca/ano, perdendo apenas para a Região Norte, onde a produtividade dos animais ultrapassou os 2000 litros/vaca/ano em 1996 (CENSOS AGROPECUÁRIOS – SANTA CATARINA – 1985 e 1995-96).

*Estratificação dos produtores de leite*

Em Santa Catarina, como mostram os dados da tabela 2, cerca de 90% dos produtores produziam em áreas inferiores a 50 hectares, sendo responsáveis por 83% da produção estadual. O maior volume de leite produzido no Estado era proveniente das propriedades com áreas cujas dimensões estavam entre 20 e 50 hectares. Foram aproximadamente 314,7 milhões de litros, em 1996, representando 36% da produção. Já as propriedades com áreas acima de 100 hectares representaram pouco mais de 6% do volume produzido no período.

**Tabela 2** – Produção e venda de leite em Santa Catarina, segundo os grupos de área total – 1995 1996(1)

| Hectares         | Informantes |        | (mil litros) |         |
|------------------|-------------|--------|--------------|---------|
|                  | Produção    | Venda  | Produção     | Venda   |
| Menos de 10      | 42.089      | 15.644 | 150.721      | 78.639  |
| 10 a menos de 20 | 48.221      | 21.602 | 259.243      | 161.832 |
| 20 a menos de 50 | 40.994      | 18.924 | 314.712      | 216.658 |
| 0 a menos de 100 | 9.079       | 3.703  | 90.373       | 63.556  |
| 100 e mais       | 5.234       | 1.490  | 54.184       | 36.300  |
| Sem declaração   | 51          | 31     | 186          | 92      |
| Total            | 145.668     | 61.394 | 869.419      | 557.077 |

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário – Santa Catarina – 1995-1996.

(1) Período de 01/08/1995 a 31/07/1996

Em relação à comercialização, também foram as propriedades com áreas entre 20 e 50 hectares as responsáveis pelo maior volume de leite entregue à plataforma das indústrias em 1996. Dos 557 milhões de litros comercializados em Santa Catarina, quase 39% foram provenientes destes estratos (TABELA 2).

Verifica-se, ainda, que no contexto das propriedades que mais comercializaram leite estão aquelas cujo plantel estava entre 6 e 10 vacas ordenhadas, representando, em 1996, quase 36% de todo o volume comercializado no Estado. Esses produtores não eram a maioria, representavam apenas 24% de um universo de 61.394. A grande maioria, cerca de 46%, possuía de 3 a 5 vacas ordenhadas sendo responsável, neste mesmo período, por aproximadamente 30% do volume total de leite entregue aos laticínios (TABELA 3).

**Tabela 3** – Venda de leite em Santa Catarina, segundo o número de vacas ordenhadas – 1995-1996(1)

| Vacas ordenhadas | Informantes | Participação percentual do estrato no total | (mil litros) | Participação Percentual do estrato no total |
|------------------|-------------|---|--------------|---|
| 1 e 2            | 14.278      | 23  | 34.804       | 6   |
| de 3 a 5         | 28.234      | 46  | 166.450      | 30  |
| de 6 a 10        | 14.869      | 24  | 197.970      | 36  |
| de 11 a 20       | 3.437       | 6   | 107.207      | 19  |
| Mais de 20       | 576         | 1   | 50.645       | 9   |
| Total            | 61.394      | 100   | 557.077      | 100   |

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário – Santa Catarina – 1995-1996.

(1) Período de 01/08/1995 a 31/07/1996

Os dados da tabela 3 mostram que a escala comercializada começa aumentar significativamente nas propriedades que mantinham, em média, de 11 a 20 vacas ordenhadas. Nesse caso, a média chegou em torno de 85 litros/dia por produtor. Já nas propriedades com mais de 20 animais em lactação, a média foi bem superior, quase 241 litros/dia por produtor, o que prova o alto nível de especialização desta minoria que não chegava a 1% do total de produtores.

### *Produtores especializados*

Segundo Jank e Galan (1999), produtores especializados são aqueles que têm como atividade principal a produção de leite obtida a partir de rebanhos leiteiros especializados e outros ativos específicos para tal fim, como alimentação de alta qualidade, equipamentos de ordenha, misturadores, resfriadores de leite, além de um ambiente adequado para o manejo das vacas e outros. Para os autores, esses produtores investem basicamente em tecnologia, economias de escala e, até mesmo, em alguma diferenciação do produto como, por exemplo, na produção de leite dos tipos A e B.

Levando-se em consideração esta definição, acredita-se que em Santa Catarina havia, no período em questão, um número bastante reduzido de produtores especializados. Isso porque existia no estado muitas propriedades com estas características e que, no entanto, não tinham a produção de leite como atividade principal, sendo a maior parte das receitas proveniente de outras atividades, inclusive do gado de corte. Propriedades com essa caracterização são encontradas normalmente na região do Planalto catarinense.

Por outro lado, foi possível encontrar também unidades produtivas com todas as características que o conceito requer, mas que detinham escalas produtivas desproporcionais àquelas consideradas normais para as propriedades com tais estruturas. Estes produtores apesar de contar com bom aparato tecnológico, não exploravam todo o potencial de suas instalações. Foi possível encontrar situações em que os proprietários exerciam outras funções, como na administração pública, privada, no comércio, entre outras.

### *Produtores não-especializados*

Para Jank e Galan (1999), produtores não-especializados são aqueles que trabalham com tecnologia extremamente rudimentar, para os quais o leite ainda é considerado um subproduto do bezerro de corte. Trata-se, na sua maioria, de produtores que encontram no leite uma atividade típica de subsistência e de complementação da renda, sendo eles os principais responsáveis pela formação de excedentes de leite de baixa qualidade na época das chuvas. São produtores que normalmente não têm um acompanhamento efetivo dos órgãos de vigilância sanitária e que, em alguns casos, agem às custas da informalidade para escoar sua produção, distribuindo leite na forma *in natura*

em cidades ou conglomerados próximos a seus estabelecimentos (sistema de distribuição porta a porta). Este é um fato comum em regiões do interior do Estado onde predominam as pequenas cidades.

Em Santa Catarina, os produtores não-especializados representam a grande maioria, estando presentes em praticamente todas as regiões. É bastante difícil representá-los em números, mas sabe-se que estes produtores foram os responsáveis pelo maior volume de leite produzido e comercializado no Estado no período compreendido entre 1985 e 2000.

#### *Produção de leite e produtividade do rebanho*

Santa Catarina produziu, em 1996, um total de 869,4 milhões de litros de leite, dos quais 720,9 milhões, ou seja, cerca de 83% da produção foi procedente de rebanhos cuja finalidade é a produção leiteira (TABELA 4). De acordo com dados do IBGE, síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2000-2001, a produção estadual ultrapassou a barreira de um bilhão de litros, sendo que quase a metade deste volume, aproximadamente 47,%, foi comercializado pelas indústrias sob inspeção sanitária.

Há vários anos, a pecuária leiteira catarinense vem registrando crescimentos significativos na sua produção, tendo sido incrementada em 44% no período de 1985 a 1996. Esse crescimento ocorreu, principalmente, pela importância que a atividade leiteira ganhou na Região Oeste, onde cresceu 79% no período. Com isso, de 1985 a 1996, a participação do Oeste na produção de leite do Estado saltou de 45% para 56%. As outras regiões do Estado também registraram crescimentos significativos na produção leiteira, entre elas estão a Região Sul, com 30,3%, e a Norte Catarinense, com 26,5%. A Região do Vale do Itajaí, litoral do Estado, foi a que apresentou o menor crescimento, apenas 7% (CENSOS AGROPECUÁRIOS – SANTA CATARINA – 1985 e 1995-96).

Com relação aos grupos de área total, os maiores índices de aumento na produção foram registrados nos estratos com áreas de 50 ha a menos de 100 ha, 49,6%. Em seguida, aparecem os estratos cujas áreas são inferiores a 50 ha, com 45%, os com áreas de 100 ha a menos de 200 ha, com 36%, e por fim, aqueles que possuem áreas com 200 hectares ou mais, onde a produção cresceu apenas 8% no período (TABELA 4).

**Tabela 4** – Produção de leite em Santa Catarina, segundo os grupos de área total e finalidade do rebanho bovino – comparativo entre os censos de 1985 e 1995-96.

| DISCRIMINAÇÃO       | CENSO 1985          |                               |                     |                            | CENSO 1995-96       |                               |                     |                                    |
|---------------------|---------------------|-------------------------------|---------------------|----------------------------|---------------------|-------------------------------|---------------------|------------------------------------|
|                     | Informantes<br>(nº) | Vacas<br>ordenhadas<br>(cab.) | Produção<br>(mil l) | Produtividade<br>(l/v/ano) | Informantes<br>(nº) | Vacas<br>ordenhadas<br>(cab.) | Produção<br>(mil l) | Produtivida-<br>-de<br>(l/vac/ano) |
| TOTAL               | 165.808             | 465.631                       | 603.704             | 1.297                      | 145.668             | 503.916                       | 869.419             | 1.725                              |
| Área total (ha)     |                     |                               |                     |                            |                     |                               |                     |                                    |
| Menos de 50         | 148.852             | 367.733                       | 498.779             | 1.356                      | 131.304             | 417.293                       | 724.676             | 1.737                              |
| 50 a menos de 100   | 10.774              | 49.765                        | 60.384              | 1.213                      | 9.079               | 49.191                        | 90.373              | 1.837                              |
| 100 a menos de 200  | 3.425               | 21.001                        | 22.371              | 1.065                      | 2.955               | 18.291                        | 30.433              | 1.664                              |
| 200 e mais          | 2.757               | 27.132                        | 22.167              | 817                        | 2.330               | 19.141                        | 23.937              | 1.251                              |
| Finalidade          |                     |                               |                     |                            |                     |                               |                     |                                    |
| Corte               | 29.981              | 87.905                        | 78.346              | 891                        | 27.457              | 70.991                        | 80.951              | 1.140                              |
| Leite               | 111.725             | 312.074                       | 447.339             | 1.433                      | 99.935              | 376.529                       | 720.981             | 1.915                              |
| Misto (corte/leite) | 19.620              | 60.739                        | 71.249              | 1.173                      | 16.413              | 51.282                        | 63.921              | 1.246                              |
| Animais de trabalho | 4.482               | 4.913                         | 6.768               | 1.378                      | 1.863               | 5.114                         | 3.566               | 697                                |

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário – Santa Catarina – 1985 e 1995-96.

Quanto à produtividade, esta também aumentou substancialmente de 1985 a 1996. Tais ganhos podem ser atribuídos, principalmente, ao maior nível de profissionalização dos produtores, que além de melhorarem seus rebanhos, passaram adotar sistemas de produção cada vez mais eficientes. Nesse particular, destaca-se o rebanho com finalidade de produção de leite, cuja produtividade média aproximou-se dos 2000 litros/vaca/ano em 1996 (TABELA 4).

Em 1985, a produtividade média do rebanho leiteiro catarinense foi de 1.297 litros/vaca/ano, passando, em 1996, para 1.725 litros/vaca/ano, representando ganhos de aproximadamente 33%, no período (TABELA 4). A Região Norte Catarinense foi a que obteve o maior incremento na produtividade média de seus animais no período compreendido entre 1985 e 1996, 45%. Em seguida, aparece a Região Sul do Estado, com

37%, a Região Oeste, com 33%, e a Serrana, Grande Florianópolis e a do Vale do Itajaí, com ganhos de 30,4%; 27,3% e 23,8%, respectivamente (CENSOS AGROPECUÁRIOS – SANTA CATARINA – 1985 e 1995-96).

Em relação aos grupos de área total, as maiores produtividades, em 1996, foram registradas nos estratos cujas áreas são inferiores a 100 hectares. No entanto, não foram estas propriedades que registraram os maiores índices de crescimento no período considerado. As propriedades com áreas entre 100 e 200 hectares foram as que registraram melhor desempenho, com ganhos de produtividade que alcançaram, em média, a casa dos 56% (TABELA 4).

#### *Características tecnológicas da produção de leite*

Em Santa Catarina, a atividade leiteira é desenvolvida principalmente em propriedades com pequenas dimensões, sendo que a mão-de-obra predominante na grande maioria é a familiar. Em geral, as propriedades são diversificadas com a atividade leiteira sendo consorciada com outras culturas. Somente nas bacias leiteiras tradicionais é que existem, embora em número bem reduzido, produtores altamente especializados que têm a produção de leite como sua única e exclusiva fonte de renda. A título de exemplo pode-se citar o município de Treze Tílias, região Oeste, onde o grau de tecnificação das propriedades é bastante elevado. Dependendo da região, a exploração leiteira pode estar associada à soja, milho, trigo, gado de corte, suíno, aves, fumo, arroz, feijão e hortifrutigranjeiros. Esse tipo de consórcio é uma característica bastante forte da região Oeste do Estado.

A atividade leiteira desempenha um importante papel econômico no setor agrícola. Sua participação na renda é significativa na maioria dos casos, uma vez que proporciona uma receita complementar aos negócios da família. É importante ressaltar ainda que, em muitos casos, o leite acaba financiando outras atividades na propriedade, além de contribuir na melhoria das condições de vida da própria família por se tratar de um alimento altamente nutritivo. Deve-se considerar também que, em muitas situações, a atividade leiteira se apresenta como sendo a única razão para a permanência dos agricultores no meio rural.

### *Relação do produtor com a indústria*

O relacionamento produtor/indústria e/ou indústria/produtor tem relação direta com o nível de especialização dos produtores e com a estrutura de preços montada pela indústria. No entanto, na medida em que são priorizadas características como volume, qualidade e a regularidade da oferta de leite ao longo do ano<sup>3</sup>, a relação entre as partes tende a ser mais afinada. Essa tendência também é reforçada por Fonte et al. (1998). Para a autora, no Rio Grande do Sul, além da pressão via preço, a indústria vem atuando através de outros mecanismos como palestras, dias de campo, etc., visando aumentar a eficiência das unidades produtivas e, conseqüentemente, intensificando as relações com o setor primário.

Em Santa Catarina, a classe dos produtores de leite não é efetivamente organizada. Eles têm reclamado muito do preço recebido pelo produto. No entanto, foi possível perceber que muitos produtores não têm o menor conhecimento de como o preço de mercado do leite é estabelecido (relações entre oferta e demanda). Além disso, questionam as margens da indústria, gerando certa desconfiança em relação ao processo de comercialização.

De modo geral, há muito a ser feito pela classe. Uma alternativa seria conscientizá-los de que há várias maneiras de fazer com que a indústria dê mais atenção a eles, sugerindo-lhes uma maior participação nas associações e/ou sindicatos, para que tenham maior poder de barganha nas reivindicações. Outra opção seria incentivar a construção de modernas miniusinas em algumas propriedades para agregar maior valor ao produto diminuindo, assim, a oferta.

Mas, de qualquer forma, deve ficar claro o seguinte: quanto maior e mais especializado for o produtor, mais intensa tende a ser sua relação com a indústria, uma vez que produtores com essas características são essenciais para a manutenção da regularidade da oferta de leite para os laticínios.



## 4.2 Indústria de laticínios

### *Características estruturais da indústria processadora*

De acordo com os dados do IBGE – Pesquisa da Indústria – 1998, o complexo industrial do leite em Santa Catarina comportava, em 1998, entre fábricas de laticínios, usinas de beneficiamento, postos de resfriamento e entrepostos, um total de 103 empresas com inspeção municipal, estadual e/ou federal. Já em 2001, os números da Pesquisa da Indústria – 2001 dão conta de que apenas duas regiões comportavam 61 indústrias processadoras de leite das 87 existentes no Estado, sendo que 33 estavam distribuídas na região Oeste e 28 no do Vale do Itajaí.

O sistema de processamento de leite em Santa Catarina é composto, na grande maioria, por empresas privadas. Apesar do grande número de fábricas, tanto a recepção quanto o processamento do leite são bastante concentrados no Estado. Em 2002 somente a Indústria de Laticínios Tirol Ltda processava cerca de 580 mil litros de leite por dia, chegando a 700 mil no período da safra. O fornecimento é garantido através de parcerias com produtores da região que entregam regularmente leite para a indústria em sua sede, em Treze Tílias, SC (INFORMAÇÃO VERBAL).<sup>4</sup>

A empresa conta com parque industrial altamente moderno e com grande capacidade de produção. É considerada a mais completa do Estado em termos de variedades de produtos. A tecnologia usada em cada segmento de produtos é a mais moderna existente no mercado e com processos produtivos extremamente automatizados. Os produtos são de altíssima qualidade, conferindo automaticamente à indústria, grande competitividade nos mercados em que participa.

Já a Batávia, cuja matriz estava sediada em Carambeí, no Paraná, líder do mercado de refrigerados (iogurtes, *petit suisse*, sobremesas e bebidas lácteas) na região sul, com 20% de participação, era a segunda maior processadora de leite do estado de Santa Catarina, depois da Indústria de Laticínios Tirol Ltda. Segundo o gerente geral da unidade industrial de Concórdia em 2002, época em que a presente pesquisa estava sendo realizada, a empresa recebeu e processou, em 2001, 115 milhões de litros de leite só naquela unidade. Para isso contava com 135 funcionários, incluindo aqueles que

trabalhavam nos entrepostos, e 8.000 produtores que forneciam regularmente, via cooperativa, leite de qualidade satisfatória.

Com uma tecnologia de última geração, com máquinas importadas da Alemanha, Holanda e Suécia, a unidade industrial de Concórdia - SC era, juntamente com Tirol Ltda, uma das mais modernas plantas do complexo lácteo catarinense, com 100% do processo produtivo automatizado e com um sistema de tratamento de efluentes considerado uma referência no Estado. A indústria chegava a trabalhar com certa capacidade ociosa em períodos de entressafra, o que, de acordo com entrevistado, era resultado da queda na produção de leite no campo durante o inverno. O potencial de expansão da produção parecia ser muito grande naquela unidade, dando a entender que a ampliação do parque seria uma questão de tempo, havendo espaço para inclusão de novas linhas de produção, se necessário.<sup>5</sup>

A Lactoplasa, de Lages, também foi uma empresa que teve participação importante no contexto industrial do leite em Santa Catarina na época. Processava o equivalente a 2,2 milhões de litros de leite por mês, sendo que 70% era envasados e 30% convertidos em produtos derivados. A indústria contava com 140 funcionários, 1.200 fornecedores e gerava cerca de 5 mil empregos indiretos, disse o gerente administrativo em entrevista. O faturamento da empresa, em 2001, foi de R\$ 19 milhões, sendo seus principais produtos vendidos os leites longa vida e pasteurizado e iogurtes, que representavam cerca de 96% das receitas, informou o entrevistado.

A tecnologia usada no sistema de processamento era bastante defasada em relação às duas maiores indústrias do Estado, com processos ainda pouco mecanizados.<sup>6</sup> A empresa apresentava um potencial de produção bastante limitado, não sendo possível atender outros mercados além dos já existentes.

Depois de muitos anos em operação no Planalto Serrano, região de Lages-SC, a Indústria de Laticínios Lactoplasa, após enfrentar sérios problemas financeiros e com a Receita Federal, encerrou suas atividades no final de janeiro de 2009. Enquanto esteve em operação, a empresa teve uma participação importante no contexto leiteiro estadual, se apresentando como um importante agente econômico, principalmente para o município de Lages, sede da indústria durante toda sua existência.

### *Processamento do leite*

A diversidade de produtos fabricados pelos laticínios catarinenses é bastante expressiva. As indústrias mais bem estruturadas e com bom suporte tecnológico e financeiro são as que mais diversificam, produzindo, além de produtos tradicionais, também aqueles que demandam maior volume de investimentos e que se destinam a atender mercados mais exigentes. Já as chamadas indústrias pequenas, são voltadas para produtos mais tradicionais, como queijos e leite pasteurizado.

Durante a elaboração desse trabalho verificou-se que a industrialização do leite tipo C vinha sendo reduzida no Estado. Empresas como a Indústria de Laticínios Tirol Ltda e a Batávia S/A já davam prioridade à produção de esterilizados e derivados lácteos com maior valor agregado, em função da boa aceitação no mercado e, principalmente, por poder competir com marcas nacionalmente conhecidas, como é o caso dos produtos Nestlé e Parmalat. A unidade da Batávia S/A, em Concórdia – SC serve como exemplo, uma vez que cerca de 90% de todo o leite recebido na plataforma da indústria era transformado em Longa Vida, produção destinada a atender mercados de todo o Brasil, sendo os mais expressivos localizados no litoral catarinense e nas regiões metropolitanas de Curitiba, São Paulo e Porto Alegre.

Já a Tirol, além do Longa Vida, tinha os segmentos de iogurtes e bebidas lácteas como os mais competitivos no Estado, sendo que estes produtos competiam também em mercados extremamente dinâmicos como é o caso do gaúcho, paranaense, paulista e outros.

Tanto a Indústria de Laticínios Tirol Ltda quanto a Batávia S/A tinham, no final do período estudado, o segmento de longa vida como o carro chefe da produção industrial, em seguida, derivados como doce de leite, iogurtes e bebidas lácteas completavam o *mix* dos produtos com maior representatividade no faturamento. Já as de menor porte também tinham o segmento de fluidos como base de suas receitas, mas em função de pressões do mercado e da pouca capacidade para investir em novas tecnologias, essas empresas tenderam a priorizar a produção de pasteurizados e produtos menos elaborados, visando a atender mercados menos competitivos em nível local e/ou regional.

*Volume de leite recebido pelas indústrias no período 1996-2000*

O volume de leite sob inspeção recebido pelas indústrias catarinenses foi crescente no período 1996-2000. De um total de 376,7 milhões de litros recebidos em 1996, passou para 583,4 milhões em 2000, representando um crescimento de quase 55%. Já com relação à produção este crescimento foi bem inferior, aproximadamente 15% no período (TABELA 5).

**Tabela 5** – Produção de leite inspecionada recebida pelas indústrias em Santa Catarina – 1996-2000 (Mil litros)

| Ano  | Produção Total | Inspecionada |
|------|----------------|--------------|
| 1996 | 884.785        | 376.702      |
| 1997 | 916.060        | 414.372      |
| 1998 | 948.441        | 455.809      |
| 1999 | 981.966        | 470.489      |
| 2000 | 1.016.676      | 583.406      |

Fonte: Instituto CEPA/SC - 2001.

Este menor crescimento da produção em relação à quantidade comercializada pelas indústrias sob inspeção pode ser explicado pelo avanço da atividade no Oeste do Estado onde, a partir do início dos anos 1980, cresce e se consolida, cada vez mais, uma importante infra-estrutura de recebimento e industrialização de leite.

O crescimento do volume de leite recebido pelos laticínios deve ser atribuído, também, à expansão de novos processos de produção por eles implantados. Entre os novos processos, pode-se destacar a instalação de novas linhas para a produção do leite UHT em substituição e/ou desaceleração da produção dos pasteurizados tipo C e das linhas de queijos. Além disso, faz-se necessário mencionar que o lançamento de produtos diferenciados com vários teores de gordura, produção de iogurte e bebidas lácteas com sabores de frutas e, ainda, o direcionamento da produção para segmentos que visaram a

atender determinadas faixas de idade e de novos hábitos de consumo, também foram determinantes.

A presença das multinacionais Fleischmann Royal e Parmalat no mercado catarinense também foi decisiva para o aumento do volume de leite comercializado e processado no Estado no decorrer dos anos 1980 e 1990. Essas empresas, por sua vez, lideraram o processo de aquisição e incorporação de laticínios que se encontravam com dificuldades financeiras, possibilitando consideráveis aumentos na produção primária de leite nos municípios que contemplavam essas unidades produtivas, uma vez que sua venda estava garantida.

### *Tecnologia e embalagens*

A tecnologia empregada pelas grandes indústrias é considerada adequada e equivalente à utilizada pelas empresas de países mais desenvolvidos. Quanto as demais, ou seja, aquelas de menor porte e com poucos recursos para investimentos, apresentam-se com certa defasagem tecnológica, como mencionado anteriormente, principalmente no que se refere à automação e diversificação.

Quanto às embalagens, consideradas de suma importância para a indústria leiteira, não se verificou nenhum questionamento a respeito das cartonadas, utilizadas para embalar o leite Longa Vida, quase que monopólio exclusivo da Tetra Pak, que praticamente domina o mercado brasileiro.

Todavia, quanto ao fornecimento de embalagens para os demais derivados do leite, constatou-se a presença de reclamações contra fornecedores que não estavam atendendo especificidades como padrão e qualidade, além disso os prazos de entrega não estavam sendo cumpridos.

### *Desenvolvimento de novos produtos*

O processo de desenvolvimento de novos produtos não é um fato comum na indústria láctea catarinense. Apenas as empresas com grande suporte financeiro têm condições de fazer tais investimentos, tendo em vista o volume de recursos necessários para a criação e divulgação.

Depoimentos de pessoas ligadas ao setor industrial afirmaram que os pequenos e médios laticínios do Estado atuavam apenas como meros copiadores dos produtos

lançados pelas grandes indústrias do setor. No caso de Santa Catarina, a Indústria de Laticínios Tirol Ltda e a Batávia S/A eram apontadas como as principais empresas em condições de fazer novos lançamentos. Também eram as indústrias com o maior *mix* de produtos no mercado. Vale lembrar que a Batávia tem sua sede no interior Paraná, e que na unidade de Concórdia são produzidos apenas alguns produtos.

A maior dificuldade enfrentada pelas indústrias do Estado ao lançar um novo produto era a concorrência direta com as grandes multinacionais como Nestlé e Parmalat. O fato de algumas indústrias serem controladas por essas gigantes, como mencionado anteriormente, levava a uma concorrência ainda maior no setor lácteo estadual. A Parmalat, por exemplo, além de possuir grande parte das ações da Batávia S/A, também tinha assumido o controle de outra unidade industrial em Jaraguá do Sul – SC, elevando-se, assim, sua participação no mercado catarinense, oferecendo produtos cada vez mais elaborados e com maior grau de diferenciação.

#### *Relação da indústria com o produtor*

Apesar de não existir nenhum contrato formal de compra e venda entre as partes, mesmo assim algumas indústrias como a Tirol e a Lactoplasa prestavam toda a assistência técnica necessária a seus fornecedores. A Tirol tinha assistência técnica própria, enquanto a Lactoplasa mantinha sistemas de convênio com profissionais da área técnica, como agrônomos e veterinários, que se encarregavam da assistência aos produtores sempre que necessário. Já os produtores que entregavam leite para a Batávia eram assistidos pelo corpo técnico das cooperativas às quais estavam vinculados, tendo em vista não terem nenhuma relação direta com a indústria receptadora.

No caso da Tirol, o relacionamento entre indústria/produtor ainda é mais afinado. A empresa mantém sistemas de crédito aos produtores para a aquisição de equipamentos, insumos, rações, medicamentos e de qualquer ativo que se faça necessário à propriedade. Além disso, a forma de pagamento é o próprio produtor quem escolhe, podendo ser efetuado em várias parcelas a serem descontadas no momento do acerto mensal.

De modo geral, os principais problemas do setor de produção que têm afetado diretamente a indústria estão intimamente relacionados à baixa escala de produção, grande sazonalidade da produção, baixa qualidade da matéria-prima e falta de infra-

estrutura nas propriedades, principalmente de salas especiais para ordenha, ordenhadeiras mecânicas e resfriadores.

Durante a elaboração deste estudo não se evidenciou nenhum registro de que as indústrias tenham se utilizado de matéria-prima importada. Apesar dos problemas na produção de leite, mesmo em situações em que as importações poderiam ser consideradas alternativas viáveis, talvez por influência dos representantes dos produtores e de algumas cooperativas, isso não tenha ocorrido em Santa Catarina.

### **4.3 Segmento de distribuição**

#### *Distribuição de produtos lácteos*

São vários os canais utilizados pelas empresas catarinenses para escoar a produção. As formas de distribuição mais comuns são: vendas através de redes de distribuição próprias, por representação, atacado, vendas direta aos grandes supermercados, postos de distribuição e distribuidores terceirizados.

Os produtos são transportados dos laticínios para os pontos de distribuição através de veículos com câmaras frias. O leite tipo C, existente até então, por ser mais perecível e com curto prazo de validade, precisava de maiores cuidados no transporte, não podendo ser lançado em mercados mais distantes, limitando-se a uma distribuição local ou regional. Já para os produtos com maior valor agregado, como queijos, iogurtes, doce de leite, Longa Vida, creme de mesa e outros, pelo fato de serem bem embalados e de não correrem risco de perder suas características no transporte, a amplitude do mercado é nacional.

A distribuição de lácteos estava passando por um processo de intensas mudanças em 2002, ano em que a pesquisa foi realizada, no que diz respeito às relações entre a indústria e as grandes redes varejistas. As indústrias sentiam-se pressionadas por esses agentes, pela rigorosa seleção de seus fornecedores. As exigências mais comuns eram quanto ao sistema logístico da indústria, horários de entrega e organização e reposição dos produtos nas gôndolas. Essas exigências ocorriam, principalmente, em função da

existência de grande número de fornecedores no mercado de leite, o que conferia considerável poder de barganha ao setor de varejo, principalmente aos hipermercados.

A pressão não parava por aí, as exigências por parte das grandes redes varejistas quanto a preço e prazo de pagamento também se tornavam um problema para os laticínios. Além disso, a logística tem algumas particularidades que são inerentes do próprio sistema, e no que se refere a derivados lácteos, a cada lançamento de um novo produto é comum as grandes redes de supermercados exigirem determinada quantidade a preços convidativos ou até mesmo como cortesia para que estes sejam lançados no mercado. Existem casos em que as indústrias são submetidas a uma taxa sobre o valor da carga como forma de financiamento de sua propaganda.

#### *Segmento varejista*

Em Santa Catarina, o segmento varejista é composto por um conjunto bastante variado de agentes. Existem desde pequenas redes de atuação regional até grandes redes que atuam em todo o estado. A região da Grande Florianópolis, maior mercado consumidor, é abastecida basicamente pelas maiores redes de supermercados do Estado, como A. Angeloni Cia. Ltda, Supermercados Imperatriz, Giassi Cia Ltda, Supermercado Comper Ltda, entre outros.

De acordo com os dados do IBGE – Pesquisa Anual de Comércio –, em 1999, o comércio catarinense era composto por 48.737 estabelecimentos, sendo que só no varejo atuavam 39.606 unidades comerciais, das quais os hiper e supermercados somavam um total de 1.453.

Os supermercados que atuam nas pequenas cidades do interior do Estado, normalmente são abastecidos pelas empresas de suas respectivas regiões, tendo em vista, por um lado, a questão do preço que efetivamente tende a ser mais baixo pelas proximidades das indústrias produtoras. Por outro, os profissionais do varejo levam em consideração o fato de o consumidor já ter certa identidade com as marcas da indústria local ou regional e, ainda, muitas vezes, o abastecimento ocorre em função do tipo de relação existente entre os agentes (em nível pessoal).

Já as grandes redes de supermercados buscam fornecedores de laticínios que tenham uma logística de distribuição que possa atender aos pedidos quase que de



imediatos. Estes agentes normalmente não trabalham com estoques e isso exige certa agilidade dos fornecedores para que o abastecimento esteja sempre regularizado.

Outra questão peculiar dos grandes varejistas é que eles não dão um tratamento diferenciado a seus fornecedores. Para atingir seus objetivos, procuram selecionar os ofertantes de acordo com suas prioridades. Isso, geralmente, acaba prejudicando os fornecedores de menor porte, uma vez que estes não têm como atender às exigências desses compradores.

#### **4.4 Mercado consumidor**

À medida que os consumidores vão adquirindo maior dinamismo quanto aos seus desejos e necessidades, aumentam também as exigências dos diversos agentes da cadeia agroalimentar. Essas exigências se referem à disponibilização de produtos lácteos no tempo, local, forma e preço para que sejam atendidas as necessidades de cada agente. Dessa forma, o consumidor pode ser visto como um poderoso indutor de possíveis transformações ao longo de toda a cadeia produtiva.

O segmento consumidor de leite e derivados em Santa Catarina tem as mesmas características da realidade brasileira. Pelo menos foi o que mostrou o resultado de três pesquisas realizadas pelo Instituto Cepa/SC, nos municípios de Florianópolis (novembro de 1985), Joinville (agosto de 1986) e Criciúma (novembro de 1987). Embora não deva ser considerado um parâmetro exato, as pesquisas apontaram para níveis de consumo bastante aquém dos recomendados pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), que é de 146 litros pessoa/ano. O que significa dizer, em outras palavras, que o consumo médio do Estado estava abaixo do recomendado, a exemplo do restante do País.

Alguns anos depois no Rio Grande Sul, Pesquisa de Orçamento Familiar – POF, realizada pelo IGBE na região metropolitana de Porto Alegre, em 1996, constatou que, em 1995, o consumo dos leites tipo B, C e longa vida tinha sido de 12,9, 65,3 e 19,3 litros/habitante/ano, respectivamente. Com base nesses dados foi possível estimar o consumo de leite por habitante para todo o estado gaúcho onde, segundo Fonte et al. (1998), ficou em torno de 162 litros/hab/ano, em 1997.

Assim sendo, levando-se em consideração as estimativas da autora e, ainda, o fato de as vendas do leite esterilizado no Brasil terem crescido 895% entre os triênios 1990/92 e 1996/98, conforme ressaltam Jank e Galan (1999), é bastante provável que em 2000 o consumo de leite em Santa Catarina já tivesse alcançado os níveis recomendados pelo INAN, a exemplo do Rio Grande do Sul.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O setor leiteiro catarinense apresentou consideráveis mudanças em todos os segmentos da cadeia produtiva no período estudado. No segmento de produção primária destacou-se a reestruturação geográfica da pecuária leiteira, onde se verificou um deslocamento da produção em direção ao Oeste do Estado, e as consideráveis melhorias na estrutura das propriedades, com aumento da produção, da produtividade e da qualidade do leite, principalmente naquelas regiões onde os produtores são, em maior número, vinculados às agroindústrias.

Quanto à indústria, observou-se certa reorganização em todo o sistema de processamento de leite, com a predominância do setor privado em detrimento das cooperativas, o que fez com que poucas empresas passassem a demandar a captação da maior parte do leite produzido no Estado, além de dominarem os principais mercados regionais. Além disso, a maneira com que a indústria tem se relacionado com os produtores deixou claro haver interesse por certa concentração também no setor agropecuário, no qual os laticínios tendem a priorizar os produtores com melhor capacidade instalada, pagando-lhes preços diferenciados, de acordo com a qualidade e volume de produção.

Em relação ao mercado varejista, foi possível verificar que é bastante dinâmico em Santa Catarina, com os consumidores se identificando com as marcas mais conhecidas e com maior praticidade, dando preferência aos produtos da região, uma vez que as indústrias pulverizam o mercado local através de suas redes de distribuição. Notável também foi a presença, cada vez maior, de grandes redes de hiper e supermercados

operando nas principais cidades do Estado, representados por empresas com grande poder de barganha que impõem intensa pressão na hora de negociar preço, quantidade e prazo de pagamento com os laticínios.

De modo geral, pode-se dizer que houve evolução em todos os segmentos da cadeia do leite em Santa Catarina, que se traduziu em função do processo de globalização e internacionalização dos mercados. Percebe-se também que as dificuldades no meio rural levaram a uma redução significativa do número de produtores de leite no período estudado. Além disso, a falta de recursos para modernizar o sistema de produção e para investir no desenvolvimento de novos produtos se apresentou como uma das principais restrições limitantes da competitividade das pequenas e médias indústrias do Estado.

## **ABSTRACT**

This paper aimed to study the milk productive chain in Santa Catarina and show the changes that occurred along the dairy chain, from 1985 to 2000, before the deep changes observed in the Brazilian economy, characterized by the trade opening and Mercosul consolidation, by the market deregulation and post Real economical stabilization. The study shows that this new environment provoked an intensive restructuring process in the area, what resulted in a bigger level of specialization in the primary production segment, with a considerable improvement of the milk delivered in industries and the raise of commercialized volume under inspection, big concentration in the attracting and processing areas, with the main industries in the field aiming to equate with the main industries in the country in terms of technology, besides the significant changes in the milk products delivery due to technological advance in the packing area, specially referring to the sterilized ones. It's concluded that although the observed changes in the competitive environment, the milk and productive chain reacted positively to turbulences occurred in this studied period, with the raising in production each year and the west region assuming more and more the position of the biggest producer in state.

**Key-words:** Milk, Production Chain, Santa Catarina

## **NOTAS**

<sup>1</sup> Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil(2002). Professor Convocado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul , Brasil

<sup>2</sup> Trata-se de produtores que têm como atividade principal a produção de leite, obtida a partir de rebanhos especializados, são, normalmente, bem estruturados e tecnificados e contam com bom suporte financeiro.

<sup>3</sup> Para Jank e Galan (1999), a estrutura de governança predominante continuará sendo, por muito tempo, o sistema de preços do mercado livre. Porém, no momento em que a especificidade da matéria-prima leite aumentar, a teoria prevê que passarão a predominar formas de governança do tipo contratos. No XV Encontro Nacional de Laticínios, ocorrido em Juiz de Fora, em julho de 1998, alguns especialistas do setor afirmaram categoricamente que isso só será possível no momento em que: a) a granelização da coleta de leite refrigerado e a revisão da legislação e do sistema de fiscalização exigirem matéria-prima padronizada; b) a oferta superar o consumo doméstico, permitindo a efetiva penalização do produtor fora do padrão.

<sup>4</sup> Informações obtidas em entrevista com um técnico da em presa em 2002.

<sup>5</sup> Informações obtidas através de visita às instalações e em entrevista com o gerente da unidade na época.

<sup>6</sup> Foi o que se observou em visita às instalações da indústria.

## REFERÊNCIAS

BATALHA, Mário Otávio. Sistemas Agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 1997. p. 24-47.

BORTOLETO, Eloísa Elena; CHABARIBERY, Denyse. Leite e derivados: entraves e potencialidades na virada do século. **Informações Econômicas**. São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, v.28, n.9, set. 1998.

BRANDÃO, Antônio Salazar P. Aspectos econômicos e institucionais da produção de leite no Brasil. In: Vilela et al., (1999), (ed.). **Restrições técnicas, econômicas e institucionais ao desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no Brasil**. Brasília: MCT/CNPq/PADCT, Juiz de Fora: EMBRAPA – CNPGL. 1999. 211 p. p. 37-70.

BRESSAN, Matheus; VILELA, Duarte. (ed.) **Restrições técnicas, econômicas e institucionais ao desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no Brasil – Região Sul**: MCT/CNPq/PADCT, Juiz de Fora: EMBRAPA – CNPGL. 1999, 56 p.

CARVALHO Jr., Luiz Carlos de. **A noção de filière**: um instrumento para análise das estratégias das empresas. Florianópolis: UFSC, v. 6, n. 1, 1995. p. 109-116. (Textos de economia).

FARIA, Vidal Pedroso de. Avanços e desafios em P&D no segmento da produção da cadeia agroalimentar do leite no Brasil. In: Vilela et al., (1999), (ed.). **Restrições técnicas, econômicas e institucionais ao desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no**

**Brasil.** Brasília: MCT/CNPq/PADCT, Juiz de Fora: EMBRAPA – CNPGL, 1999. 211 p. p. 163-211.

FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido; ZYLBERSZTAJN, Décio. **Relações tecnológicas e organização dos mercados no sistema agroindustrial de alimentos.** Caderno de Ciência e Tecnologia. Brasília, v. 8, n. 1/3, p. 9-27, jan./dez. 1991.

FILIPPSEN, Laerte Francisco; PELLINI, Tiago. **Cadeia produtiva do leite:** prospecção de demandas tecnológicas do agronegócio paranaense. Londrina: IAPAR, 1999, 56 p. (IAPAR, Documento 19).

FONTE, Loiva Ana Marin da. et al. **Cadeias Produtivas:** estudo da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FEPAGRO, 1998. n. 3.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário do Brasil 1985.** Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário do Brasil 1995/96.** Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário de Santa Catarina 1985.** Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário de Santa Catarina 1995/96.** Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Anual do Comércio 1999.** Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Industrial 1997.** Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Industrial 1998.** Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Industrial 2001.** Rio de Janeiro, 2002.

INSTITUTO CEPA/SC. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2000-2001.** Florianópolis, 2001. p. 118-128.

\_\_\_\_\_. **Síntese anual da agricultura de Santa Catarina 2007-2008.** Florianópolis, 2008. p. 273.

JANK, Marcos Sawaya; FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido; GALAN, Valter Bertini. **O agribusiness do Leite no Brasil.** São Paulo: Milkbizz, 1999. 108 p.

KAGEYAMA, A. et al. O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: **IPEA. Agricultura e políticas públicas.** Brasília: IPEA, 1990. p. 113-223. (IPEA. Série IPEA, 127).

VILELA, Duarte; BRESSAN, Mateus; CUNHA, Aécio S. **Restrições técnicas, econômicas e institucionais ao desenvolvimento da cadeia produtiva do leite no Brasil.** Brasília: MCT/CNPq/PADCT, Juiz de Fora: EMBRAPA/CNPGL, 1999. 211 p.